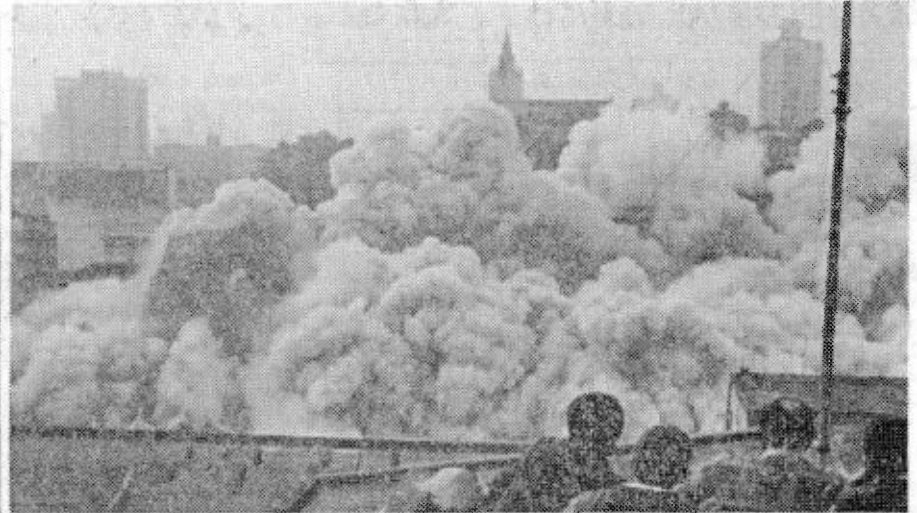


São Paulo — Fotos de José Carlos Brasil



Desta vez a implosão não agradou ao engenheiro: a fábrica avançou ao cair e estilhaços atingiram prédio vizinho

Fábrica histórica é implodida em São Paulo

Ex-operária chora e morador diz que foi "ato de vandalismo"

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Na véspera da implosão do edifício onde funcionou a fábrica Ramenzoni, propriedade da Eletropaulo (Companhia de Eletricidade de São Paulo), a imigrante italiana Faustina Puggiero, de 66 anos, mal pregou os olhos. Na manhã de ontem, Faustina desceu a Ladeira Eulálio Assunção, no Cambuci, antigo bairro operário próximo à Zona Central da cidade, mas não entrou, como de costume, na Igreja de Nossa Senhora da Glória, imponente construção do fim do século 19. O seu destino, desta vez, ficava alguns quarteirões adiante: depois de ter trabalhado 21 anos como dobradeira de camisas da Ramenzoni, que já abrigou a maior confecção da América do Sul, ela tinha se preparado para ver a implosão do velho prédio.

Momentos antes do espetáculo de cinco segundos, para o qual foram utilizados 200 quilos de dinamite, Faustina ainda quis voltar para casa. Tinha medo que o coração não



Faustina sofreu pensando em seus 21 anos de Ramenzoni

resistisse. Convencida a ficar pelo filho, o contador Pasquale, segurou o choro e posou para as fotografias. Sua vizinha de mesa na Ramenzoni, a baiana Maria Batista, de 58 anos, que como ela se esforçava para dobrar mais de 124 camisas e ganhar um adicional de produção, não conseguiu ter a mesma reação: desatou num choro convulsivo, dizendo que se sentia pior do que no dia em

que furou uma greve no começo dos anos 70, pouco antes que a fábrica falisse, em 1975, e foi censurada pelos outros operários.

O coordenador do Movimento de Revalorização do Cambuci, Vágner Suganele, classificou a implosão de "um ato de vandalismo". O argumento do diretor de construção da futura estação da Eletropaulo, Ivandro Rodrigues, definitivamente não o convenceu. Segundo Rodrigues, a demanda de energia exige que seja erguida na esquina das Ruas Lavapés e Scuvero, uma das maiores estações da Eletropaulo, com capacidade para atender ao consumo de 5 milhões de pessoas a partir de 1991 (a estação "ETT/FTD Glicério" custará 130 milhões de dólares). Para Suganele, no entanto, a futura subestação poderia ser instalada em outro local, e o prédio deveria ser reintegrado à vida do bairro do Cambuci, de 110 mil habitantes.

Chapéus — A história da Ramenzoni começa em 1894, quando uma família de imigrantes italianos instalou no Cambuci uma pequena fábrica de chapéus. Aos poucos as instalações foram sendo ampliadas, passando a abrigar, numa área de 18 mil metros quadrados, oficinas de pintura, mecânica e gráfica de cartongem. A fábrica chegou a atingir a produção de 7.600 peças

por dia, quando passou a fazer roupas com 950 máquinas de costura. A chegada dos jeans e, principalmente, o *milagre brasileiro*, deram início ao seu processo de decadência. Antes de ser adquirida pela Eletropaulo, a empresa já tinha sido propriedade do Banespa (Banco do Estado de São Paulo).

A fábrica foi também responsável por muitos romances, como o de Ari e Maria Nanini Pavão, prima do ator Marco Nanini. Maria trabalhava em uma seção de forros de chapéus e apaixonou-se pelo chefe. Resultado: estão casados há 50 anos. "Namorávamos fora da Ramenzoni, lá dentro tínhamos muito respeito", lembra a antiga funcionária, que ainda conserva guardados dois chapéus da tradicional marca, um de feltro e outro panamá".

O engenheiro Hugo Takahashi, detentor no Brasil da técnica da implosão, não ficou completamente satisfeito com a sua 50ª empreitada. Deu a ela nota 7. As ruínas do prédio avançaram um metro e meio além do previsto. Os estilhaços voaram e arrebentaram as janelas de um centro espirita, em frente. Por sorte, não atingiram o Colégio Siqueira Campos, onde Delfim Neto formou-se em Contabilidade, João do Pulo fez curso supletivo e Jânio Quadros foi professor de Português.